

# Do alfa ao ômega: o ABC poético na expressão da fé cristã

Véronique Le Dü da Silva-Semik<sup>i</sup>

**Resumo:** O acróstico alfabético (ABC poético) atualmente conhecido como ABC de cordel é uma forma poética secular tradicional. É uma obra poética enumerativa, descritiva e, por vezes, narrativa, que enaltece as partes constituintes de um assunto específico de “A a Z”. O estudo diacrônico e temático de um vasto corpus que atravessa a história do cristianismo mostra que na composição de salmos, hinos e cânticos no vernáculo, a letra alfabética é soberana. Ela tem um duplo efeito: por um lado, oferece aos fiéis a implicação da completude mística, por outro lado, é um poderoso suporte para a memorização, que serviu à consolidação da fé cristã no Ocidente, e ao desenvolvimento da tradição mariana que foi preservada desde o século VI, na Igreja bizantina, até hoje nos textos coletados no Brasil dentro da tradição oral.

**Palavras-chave:** Acróstico alfabético. Poesia mariana. Memorização. Poesia cristã. ABC de cordel.

## *De alpha à l'oméga : l'Abc poétique dans l'expression de la foi chrétienne*

**Résumé :** L'acrostiche alphabétique (Abc poétique) aujourd'hui connu comme A.B.C. de cordel est une forme poétique traditionnelle séculaire. C'est une œuvre poétique énumérative, descriptive et parfois narrative qui loue les parties constitutive d'un sujet précis de « A à Z ». L'étude diachronique et thématique d'un vaste corpus qui traverse l'histoire de la chrétienté montre que dans la composition des psaumes, des hymnes et de chants en langue vernaculaire la lettre alphabétique est souveraine. Elle a un double effet : d'une part, elle offre au fidèle l'effet d'une complétude mystique, d'autre part, c'est un soutien puissant à la mémorisation qui a servi au développement de la foi chrétien dans l'Occident et au développement de la tradition mariale qui s'est préservée depuis le VI<sup>e</sup> siècle dans l'Église byzantine jusqu'à nos jours dans les textes collectés au Brésil dans la tradition orale.

**Mots clés :** Acrostiche alphabétique. Poésie mariale. Mémorisation. Poésie chrétienne. A.B.C. de cordel.

Submetido em: 19 dez. 2022

Aprovado em: 24 fev. 2023

Tradução: Eider Madeiros<sup>ii</sup>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Compartilha Igual 4.0 Internacional

**DLCV – Língua, Linguística & Literatura**

**ISSN 1679-6101**

**EISSN 2237-0900**

<sup>i</sup> Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (IELT-FCSH) da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: veroniquesemik@gmail.com.

<sup>ii</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: eidermadeiros@outlook.pt.

O alfabeto está ligado à escrita e a suas origens, às necessidades do comércio e à necessidade de manter registros. Entre muitos povos, a escrita é considerada uma criação divina, inventada por Deus. De fato, o aspecto teológico e secreto da escrita é de grande importância na composição de muitos ABCs poéticos, nos quais a essência alfabética se refere à completude.<sup>8</sup>

Historically, the acrostic appears in Greek and Latin poetry under the Syriac and Hebrew influence (cf. the alphabetical acrostics of Psalm 119 and the Lamentations of Jeremiah) In the fourth century, Hilary of Poitiers and then Augustine use it, among writers of religious poetry. Early Latin hymns from Ireland and the Visigothic kingdom of Iberia adopted in some cases, primarily procession, the ABC structure, and it continues to be the most popular form of acrostic throughout the Western Middle Ages. In the East, however, the major use of acrostics in religious poetry affects the *kontakion* and to lesser degree the *kanon*, taking the form not of an ABC but of a pious motto or supplication or signature, or combination of these functions. [...] Acrostics appear in the vernacular beginning in the thirteenth century, a clear index to the new and growing reliance of vernacular culture on the written word [...] To my knowledge, religious lyrics in Catalan, Provençal and Old Norse contain no examples. Spanish uses acrostics in love-poetry but rarely in religious poems. [...] In Middle English, Chaucer paraphrased an Old French ABC to Mary by de Deguileville, producing an ABC of his own, and a number of fifteenth-century authors, including Lydgate, incorporated acrostics (ABC, MMARIA and so forth) into their religious poems. Even in Old French, however, acrostics are relative scarce. In Italian, there are almost non-existent [...]. Finally, Middle High German offers a number of ABC's, MARIA's, and IESUS's, as well as a few cases of the author's or dedicatee's name (cf. the so-called Monk of Salzburg or Friedrich von Zollern).<sup>9</sup> (DIEHL, 1985, p. 116-117).

Na tradição judaica, por exemplo, a relação entre Deus e o alfabeto (a Palavra) é muito próxima porque as letras do alfabeto são instrumentos de Deus com quem Ele criou o mundo.

<sup>8</sup> Em virtude do caráter poliglota do estudo traduzido, as citações que não estão no idioma francês de origem, contarão com nota de rodapé livre que lhes auxilie a leitura em português, de modo que se conserve no corpo do texto o teor e a originalidade dos excertos entre as tradições e os diversos idiomas do trabalho original. (N. do T.)

<sup>9</sup> “Historicamente, o acróstico aparece na poesia grega e latina sob a influência síriaca e hebraica (cf. os acrósticos alfabéticos do Salmo 119 e as Lamentações de Jeremias). Os primeiros hinos latinos da Irlanda e do reino visigótico da Península Ibérica adotaram em alguns casos, a procissão principalmente, a estrutura ABC, continuando a ser a forma mais popular de acróstico durante a Idade Média Ocidental. No Oriente, no entanto, o maior uso de acrósticos na poesia religiosa afeta o *kontakion* e, em menor grau, o *kanon*, assumindo a forma não de um ABC, mas de um lema piedoso ou súplica ou assinatura, ou combinação dessas funções. [...] Acrósticos aparecem no vernáculo a partir do século XIII, um claro indício da nova e crescente confiança da cultura vernacular na palavra escrita [...] No que alcancei saber, letras religiosas em catalão, provençal e nórdico antigo não possui casos. O espanhol usa acrósticos na poesia de amor, mas raramente em poemas religiosos. [...] No inglês médio, Chaucer parafraseou um ABC francês antigo dedicado à Maria, de Deguileville, produzindo um ABC próprio, e vários autores do século XV, incluindo Lydgate, incorporaram acrósticos (ABC, MMARIA e assim por diante) em seus poemas religiosos. Mesmo em francês antigo, no entanto, os acrósticos são relativamente escassos. Em italiano são quase inexistentes [...]. Finalmente, o alto-alemão médio oferece uma série de ABC, MARIA e IESUS, bem como alguns casos do nome do autor ou dedicatário (cf. o chamado Monge de Salzburgo ou Friedrich von Zollern)”.

A Palavra oferece aos homens a oportunidade de se comunicarem uns com os outros e de se aproximarem ainda mais do divino. Os muitos poemas em acrósticos alfabéticos registrados no Manuscrito do Mar Morto e na *Torá* são testemunho disso<sup>10</sup>: louvor ao Rei Javé (*Salmo 145*), louvor à lei divina (*Salmo 119*) (considerado uma obra excepcional porque nunca evocará o nome de Javé), louvor à queda de Israel cantado nas *Lamentações*, Louvor à senhora da casa listada em *Provérbio 31:10-31*, “A perfeita dona da casa”. Deve-se notar que o quadro alfabético externo ou interno de um ABC poético refere-se à criação de uma representação mais ou menos completa do tema elogiado. Esta imagem fundada por enumerações, repetições e descrições celebra o assunto em cada letra do alfabeto.

The acrostic established an “abstract, unchanging pattern” which the aforementioned enumerative tendency of biblical poetry as a whole. Divine epithets, lament motives, petitions – in short, the stuff of religious poetry can be piled on indefinitely. The acrostic form provides a structure, stimulus, and limit for this enumeration.<sup>11</sup> (SOLL, 1991, p. 25).

A enumeração ou descrição apoia o desenvolvimento do gênero panegírico e epidíctico na forma de celebração e louvor religioso. Na religião cristã, o acróstico alfabético tem sido uma fonte de inspiração para os três grandes cultos da Igreja Católica: o em honra a Deus no Antigo Testamento, o da glória dos santos no hinário latino e o do esplendor da Virgem Maria na liturgia cristã em latim e vernacular.

A vida de Cristo é cantada no século V por Célio Sedúlio no poema *De Nativitate Domini* conhecido por seu incipit *A solis ortus cardin*<sup>12</sup>: “Do ponto onde o Sol nasce”.

A solis ortus cardine  
adusque terreae limitem  
Christum canamus principem,  
Natum Maria virgine

Beatus auctor saeculi  
servile corpus induit,  
Ut carne carnem liberans  
Ne perderet quos condidit.

<sup>10</sup> Papiro do Mar Morto: Ben Sira 51:13-30 (11QpsSirach); Salmo 155:11 qPs<sup>a</sup> 155; 11 qPs<sup>a</sup> Sião (Apóstrofo a Sião); Torá: prelúdio em Nahum; Salmos 9-10, 25, 34, 37, 111, 112, 119, 145; Salmo 119; Lamentações 1 a 4, e Provérbios 31:10-31, “A perfeita dona de casa”. Lamentações 1 a 4.

<sup>11</sup> “O acróstico estabelecia um ‘padrão abstrato e imutável’ que correspondia à já mencionada tendência enumerativa da poesia bíblica como um todo. Epítetos divinos, motivos de lamento, petições – em suma, o material da poesia religiosa pode ser acumulado indefinidamente. A forma acróstica fornece uma estrutura, estímulo e limite para essa enumeração.” (N. do T.)

<sup>12</sup> Todas as referências estão reunidas no catálogo que se encontra na publicação: SILVA-SEMIK, Véronique Le Dü da. *De l'Abc poétique à l'A.B.C. de cordel au Brésil: une forme poétique traditionnelle de A à Z*. Paris: L'harmattan, 2012.

O poema teria consistido em “estrofes ambrosianas herdadas do princípio alfabético de Santo Hilário de Poitiers.” (SZÖVÉRFY, 1999, p. 36). Santo Hilário compôs um ABC poético que apresenta uma confissão de fé sobre a Trindade e um louvor da redenção. De fato, Santo Hilário de Poitiers e Santo Agostinho compuseram acrósticos alfabéticos considerados paradigmas. Além disso, outros cânticos em latim apelam a Cristo, como o *Cântico sobre a Ressurreição*, ou expressam a experiência dos fiéis, como no *Cântico do pescador arrependido*<sup>13</sup>. (MERIL, 1843, p. 182).

Ad te, Deus gloriose, rerum factor omnium,  
lacrymosis clamo gemens et amaris vocibus:  
poenitenti, Christe, da veniam.

Brevis est haec vita nimis et plena miseriis;  
quam secutus, ad coelestem non levavi animam:  
miserere mei, piissime.

Outros ainda, foram compostos como apologia numerosa como *Audite omnes amantes* dedicados a São Patrício. A imagem mais evocativa é a da Virgem Maria: mãe, companheira e inspiração. Em todos os momentos e em todos os lugares ela é representada em esculturas e pinturas. O apego dos fiéis a sua pessoa exprime-se através do canto sob a forma de evocações, orações públicas e orações individuais. Já no século V, muitas formas poéticas revelam amor e devoção à mãe de Deus e de todos os homens. Patrick S. Diehl (1985) explica que a escolha formal e estrutural dos poemas religiosos era bastante utilitária. A repetição de certas palavras e processos enumerativos formaram muitas combinações mnemônicas. Ele especifica que no Ocidente medieval o número de composições enumerativas era importante na poesia mariana e as chama de “o acróstico alfabético ou a estrutura ABC”:

The first usually under the sobriquet of “enumerative composition”. Examples are extremely common in the Later Western Middle Ages but in frequent in the East. Mary-Psalms, which use enumerative composition (50, 100, and 150 elements), were dealt with earlier, and indeed enumerative composition is much more characteristic of Marian than of any other sort of religious poetry. It is particularly prominent in poems concerning the Joys (and by extension the Sorrows) of the Virgin.<sup>14</sup> (DIEHL, 1985, p. 113-114).

<sup>13</sup> De acordo com o autor do manuscrito B. R., Ms 1154, fol. 102, o recto tem dois cânticos sobre o mesmo tema.

<sup>14</sup> “As primeiras, geralmente, sob o apelido de ‘composição enumerativa’. Os exemplos são extremamente comuns no final da Idade Média Ocidental, mas são frequentes no Oriente. Os Saltérios Marianos, que usam composição enumerativa (50, 100 e 150 elementos), foram tratados anteriormente e, de fato, a composição enumerativa é muito mais característica da Mariana do que de qualquer outro tipo de poesia religiosa. É particularmente proeminente em poemas sobre as Alegrias (e por extensão as Dores) da Virgem.” (N. do T.)

O tema da Virgem Maria, por outro lado, é desenvolvido de acordo com a ordem do alfabeto e constitui uma forma de oração. É um louvor que se articula como um pedido de intercessão pela distribuição das graças. Expressiva na Igreja Católica e na religiosidade popular, a tradição mariana é considerada pelos fiéis muito eficaz. Na maioria das vezes, cada letra do alfabeto apresenta as qualidades da Virgem Maria. O conjunto poético desenvolve as belezas da Virgem de “A a Z” de forma descritiva. O único ABC poético que se desenvolve na forma de narrativa foi composto no âmbito da liturgia bizantina. É o notável hino *Akathistos* (PROTOPAPADAKIS-PAPACONSTANTINOU, 1988, p. 38-133) também intitulado *Anunciação à Natividade*. Este poema em acróstico alfabético foi provavelmente composto no século VII, por Romano, o Melodiano, autor de *kontakias*. O tema é desenvolvido com grande virtuosismo literário. Cantado hoje na liturgia bizantina no Natal, o poético ABC foi composto para a festa da Anunciação. No Oriente, esta festa era a festa da Encarnação: *exordium redemptionis nostrae*.

De acordo com G. G. Meersseman, as 24 estrofes cujas iniciais compõem o alfabeto grego são divididas em duas séries de 12 estrofes. O primeiro tem um caráter narrativo e o segundo tem um caráter lírico. O poema é introduzido por uma estrofe preliminar que seria posterior. Esta estrofe apresenta a encarnação do Verbo, a Anunciação. O poema é assim composto por 12 estrofes narrativas, 12 estrofes líricas, 12 hinos litânicos, 12 aclamações, 12 capas do coro mariano, 12 aleluias.

Que nossas entoações de vitória ressoem em sua honra, rainha invencível,  
 Tu que nos salvas dos perigos da batalha, Mãe de Deus, Virgem Soberana!  
 Nossos louvores e cânticos de ação de graças se elevam a ti.  
 Com o teu braço poderoso ereto à nossa volta a mais forte das muralhas,  
 Salva-nos de todo perigo, apressa-te a resgatar os fiéis que vos cantam:

Alegrai-vos, imaculada Esposa

A

Do céu foi enviado um eminente arcanjo  
 Para dizer à Mãe de Deus: Alegrai-vos!  
 e vendo-te, Senhor, tomar forma à sua voz,  
 ele proclama sua surpresa e deleite

Alegrai-vos, que faz resplandecer a nossa salvação,  
 alegrai-vos, por quem o mal desapareceu.  
 Alegrai-vos, porque levantai Adão caído,  
 alegrai-vos, pois Eva também não chora mais.  
 Alegrai-vos, montanha inacessível aos pensamentos humanos,  
 alegrai-vos, oceano insondável até para os Anjos escondidos.  
 Alegrai-vos, porque do Rei vos tornais o trono e o palácio,  
 alegrai-vos, uma vez que o vosso Criador através de vós está a ser carregado.  
 Alegrai-vos, estrela anunciando o sol nascente,

alegrai-vos, seio fértil onde Deus se encarnará.  
 Alegrai-vos, por quem a criatura recriará,  
 alegrai-vos, através de quem o Criador se torna uma pequena criança.

Alegrai-vos, imaculada Esposa.

### B

A Virgem, conhecendo o seu estado virginal,  
 ao Anjo Gabriel respondeu com firmeza:  
 Que estranha maravilha sua voz me traz!  
 para a minha alma parece difícil de compreender  
 Sem semente eu vou conceber para dar à luz como me dizes?

Aleluia.

Vivendo a piedade dentro da liturgia romana dos séculos IX ao XI e indo até o século XV, a imagem da Virgem Maria se concretiza como uma “figura individualizada” e se afirma na vida litúrgica em relação à tradição cristológica<sup>15</sup>. (IOGNA-PRAT; PALAZZO; RUSSO, 1996, p. 7). De fato, a partir do final do século XII, o movimento mariano caracteriza-se por muitas obras dirigidas à Virgem Maria que celebram “toda a teologia mariana nas suas partes mais delicadas, o mérito, a compaixão, a virgindade, a maternidade, a concepção, a mediação, o martírio e a realeza”. A obra *Les chants marials: poèmes mystiques allemands du XIIIe siècle* (MAURIN, 1927) apresenta um notável corpus de canções marianas em ABC poético: o *Cântico sobre a natividade (De fecunditate sanctae Mariae)*, *De Naticitate DN*, *De laude sanctae Mariae*, 19 poemas, incluindo 15 poemas compostos no século XV.

A imagem de Maria e as qualidades da sua pessoa são descritas em latim, mas também no vernáculo. Três poetas franceses e um poeta inglês, Ferrant, Plantefolie, Guillaume de Deguileville, Geoffrey Chaucer, compuseram obras marianas muito belas. O ABC (*Li Nostre Dame*)<sup>16</sup>, composto por Ferrant, está no *Ms. Bnf. Paris, n. 837* do século XIII e no *Ms. Bnf. Paris, n. 12467*, fol. 74 v°. (OMONT, 1973, p. 340-342). O poeta é desconhecido, mas seu nome aparece na letra Z de *Ms.fr. 837* e no *Ms. 12467*, se nomeia Henri. Este poema é uma combinação de litânicas da Virgem e meditações sobre a culpa e a possível redenção através da

<sup>15</sup> “Três grandes momentos marcam esta evolução: em Roma, entre os séculos V e IX; no Império Carolíngio e nos reinos cristãos entre meados do século XI e meados do século XII. No final desta evolução – que viu o surgimento do cristianismo e a instauração das instituições eclesiais – e durante muito tempo – até ao início do século XIV, a Virgem, que se tornou ‘Nossa Senhora’, foi a maior referência das devoções pessoais e identificações comunitárias. Esta figura da expansão católica funde-se com a *Ecclesia*; no mesmo movimento, ela é espacializada como padroeira de inúmeros locais de culto e na forma de uma iconografia arquitetônica. No entanto, teremos o cuidado de não considerar esse movimento como uniforme e contínuo. Rupturas, quebras de ritmo e reações pontuam um percurso que, em suma, é completamente fragmentado. Acima de tudo, tal fenômeno de emergência e afirmação da Virgem como figura individualizada só faz sentido por referência à evolução paralela e correlata da cristologia.” (cf. IOGNA-PRAT; PALAZZO; RUSSO, 1996).

<sup>16</sup> Ms. Paris Bibliothèque Nationale de France 837 du XIII<sup>e</sup> s.; Ms. BNF 12467, fol. 74 v°.

intercessão da Virgem. Não é uma oração contínua. Gérard Gros explica que as letras emolduram 26 quadras de alexandrinas, monorrimas, com rima interna, ou 26 oitavas de hexassílabas com rimas cruzadas e afirma: “Virtuoso, Ferrant acrescenta a duplicação da estrofe à restrição da disposição abecedária.” (GROS, 1993, p. 19).

O *A.B.C. de Plante-folie* teria sido copiado em seis manuscritos do século XIII ao XIV. O poeta se apresenta: “Isto diz um clérigo Plantefolie, ou eu digo um clérigo Plantefolie. (OMONT, 1973, p. 371-373). Ele é chamado Gautier de Roma na *Ms. 12483* e pode ser um funcionário com o pseudônimo de um malabarista. O ABC poético é composto em oitavas com três estrofes introdutórias explicando o projeto do poeta. As versões coletadas no corpus pertencem ao fac-símile compilado por Henri Omont em sua obra *Fabliaux, dits et contes en vers français du XIIIe siècle facsimile du Manuscrit français 837 de la Bibliothèque Nationale*.

O terceiro acróstico alfabético mariano é composto no século XIV no mosteiro de Chaalis pelo monge Guillaume de Deguileville. Chama-se *Le Pèlerinage de la vie humaine*<sup>17</sup>. (FURNIVAL, 1871, p. 85-99). Aqui, o poeta desenvolve um longo poema em décimas em ordem alfabética em que ele cria uma relação íntima entre os fiéis e a Virgem Maria. Expõe as suas belezas e perfeições, ensina o peregrino a implorar os favores da Virgem Maria, a sua intercessão e oferece esta oração à Graça de Deus, personagem principal da sua obra. O alfabeto educa, ilumina os fiéis pelo jogo fônico de rimas ricas que exigem a criação de vários efeitos sonoros. Cada estrofe é composta de versos cujas rimas exploram um ou dois sons, nunca três (/ui/ e /air/, /ion/ e /ir/, /onne/, e /esse/, /ie/ e /ement/). Ecos sonoros ressoam ao longo de cada estrofe. Finalmente, a repetição é uma estrutura fundamental na oração, e Guillaume de Deguileville a usa extensivamente neste poema.

## A

A toy du monde le refui,  
 Vierge glorieuse, m'en fui  
 Tout confus, ne puis mieux faire ;  
 A toy me tien a toy m'apuy.  
 Relieve moy, abatu suy :  
 Vaincu m'a mon adversaire.  
 Puis qu'en toy ont tous repaire  
 Bien me doy vers toy retraire  
 Avant que j'aie plus d'annuy.  
 N'est pas luite necessaire  
 A moy, se tu, debonnayre,  
 Ne me sequeurs comme a autrui.

<sup>17</sup> Ms. 1645, Fonds Français, Bibliothèque Nationale de Paris (A) et Ms. 1649 (B), 375 (D) dans la même collection de Paul Meyer.

Em *Le Pèlerinage* de l'âme Guillaume de Deguileville também compôs dois louvores enumerativos: a *Ave Bissus Castitatis* e a *Pièce VI*. (GROS, 1895, p. 28). Estes dois ABCs poéticos são “construções quadradas” (uma letra para cada palavra).

Ave **b**issus castitatis, **d**ucatus errantium,  
 Flor **g**erminans **h**onestatis, **i**ngens **k**alendarium,  
 Lux **m**icans **n**ovitatis, **o**rbis **p**atrocinium,  
 Queso, **r**osa **s**anitatis, **t**ribue **v**incentium,  
 Xpi **y**chinis (? Surcharge) **z**altis & **e**num **9**sortium.

#### PIÈCE VI

Ave **b**enedictissima,  
 Caritate **d**ulcissima,  
 Ejiciens **f**astidium,  
 Gloriosa, **h**umilima  
 Imperatrix **k**arissima,  
 Laeticatrix **m**entium,  
 Nobilitatrix **o**mnium,  
 Puritatem **q**uaerentium,  
 Reparatrix **s**anctissima,  
 Tis **v**olentium **x**enium,  
 Ydonee **z**elantium,  
 Eterna congruissima

Finalmente, inspirado nas composições de Guillaume de Deguileville, o poeta inglês Geoffrey Chaucer elabora no século XIV uma tradução próxima ao poema francês adaptado para a língua inglesa (o poeta francês organiza o poema em dúzias, enquanto o poeta inglês prefere reduzir essas longas estrofes em oitavas). Este poema é mais conhecido do que o de Deguileville, e é intitulado *An ABC*<sup>18</sup> (*The A.B.C. Being a Hymn to the Holy Virgin in English Version (An ABC)*). Parece que esta composição foi encomendada por Blanche, a Duquesa de Lancaster. Segundo Alfred David (1942, p. 149), esse poema – “*An ABC to the Style of the Prioress*” – tinha um *estilo conventual* cujos elementos piedosos ajudariam no aprendizado de códigos religiosos e de oração. Para destacar as constantes e variantes dos poemas citados, Gérard Gros apresenta uma tabela em que cada letra corresponde aos primeiros versos dos poemas de Ferrant, Plantefolie e Guillaume de Deguileville (GROS, 1993 p. 23). A tabela

<sup>18</sup> CHAUCER, Geoffrey. (Ms. Ff 5.30, à l'University Library, Cambridge) a partir do francês de Guillaume de Deguileville. Filigranas desenhados e iluminados por Lucia Joyce, Paris: The Obelisk Press, 1936; 4º não paginado. *The A.B.C. a Prayer to the Virgin Mary, (with its French original, from Le Pèlerinage de la Vie Humaine*, por Guillaume de Deguileville, ab. 133 a.d.; FURNIVAL, Frederix J. (ed.). Uma impressão em texto único de poemas menores de Chaucer sendo o melhor texto de cada poema e uma edição de texto em paralelo etc. para uso em brochura a editores e leitores. Londres: publicado pela Chaucer Society por N. Trübner & Co., 1871, part. I, p. 84-100.

abaixo reproduz a de Gros com uma coluna adicional, incluindo o poema de Geoffrey Chaucer de “A a Z”.

**Tabela 1 – Letra correspondente aos primeiros versos dos poemas de Ferrant, Plantefolie, Guillaume de Deguileville e Chaucer**

	<b>Ferrant</b>	<b>Plantefolie</b>	<b>Guillaume de Deguileville</b>	<b>Geoffrey Chaucer</b>
<b>A</b>	<i>Ave sainte Marie</i>	<i>A si est li commencemens</i>	<i>A toi monde le refui</i>	<i>Al mighty and al merciabile queene</i>
<b>B</b>	<i>Bele douce pucele</i>	<i>Bonement vous vueil deproier</i>	<i>Bien voy que par toy confortés</i>	<i>Bountee so fix hath in b(th)in herte his tente</i>
<b>C</b>	<i>Clere estoile de mer</i>	<i>Courtoise, debonaire et franche</i>	<i>Contre moy font une accion</i>	<i>Comfort is noon but in yow, lady deere</i>
<b>D</b>	<i>Droiz sentiers, droite voie</i>	<i>Dame, dou grant bien qui abonde</i>	<i>Dame es de misericorde</i>	<i>Dowte is b(th)er noon, b(th)ou queen of misericorde</i>
<b>E</b>	<i>E, dame, du malisce</i>	<i>E, Dieus, comment les porterai ?</i>	<i>En toy ay m'esperance eü</i>	<i>Euere hath myn hope of refuit been in b(th)ee</i>
<b>F</b>	<i>Flors de rose et de lis</i>	<i>Fille à ton fill, mere à ton père</i>	<i>Fuiant m'en viens a ta tente</i>	<i>Fleeing j flee for socour to b(th)i tente</i>
<b>G</b>	<i>Gracieuse roïne</i>	<i>Glorieuse Vierge pucele</i>	<i>Glorieuse vierge mere</i>	<i>Glouriows mayde and mooder, which b(th)at neuere</i>
<b>H</b>	<i>Ha, laz, nule autre amor</i>	<i>Haute royne chastelaine</i>	<i>Homme vout par sa plaisance</i>	<i>He vouched saaf tel him as was his wille</i>
<b>I</b>	<i>Je te vueil estre amis</i>	<i>Je ne sai que je dire puisse</i>	<i>Je ne truis par nulle voie</i>	<i>I wot it wel b(th)ou wolt ben our socour</i>
<b>K</b>	<i>Kar tant es debonere</i>	<i>Ki pourroit ore trouver mire</i>	<i>Kalendrier sont enluminé</i>	<i>Kalendeeres enlumyned ben b(th)ei</i>
<b>L</b>	<i>La fontaine et li puis</i>	<i>Las, quant li Jugemens venra</i>	<i>La douceur de toy pourtraire</i>	<i>Ladi b(th)i sorwe kan j not portreye</i>
<b>M</b>	<i>Mere au Saint Esprit</i>	<i>Mar acointames l'esbanoi</i>	<i>Moyses vit en figure</i>	<i>Moises b(th)at sauth b(th)e bush with flawmes rede</i>
<b>N</b>	<i>Norrice Dieu le Pere</i>	<i>Ne m'en portera mie ainsi</i>	<i>Noble princesse du monde</i>	<i>Noble princesse b(th)at neuere haddest peere</i>
<b>O</b>	<i>O très saintisme Dame</i>	<i>Or nē argent ne doi doner</i>	<i>O Lumiere des non voians</i>	<i>O verry light of eyen b(th)at ben blynde</i>
<b>P</b>	<i>Precieuse et benigne</i>	<i>Pucele digne, gloriouse</i>	<i>Pris m'est volenté d'enquerre</i>	<i>Purpos I haue sum time to enquere</i>
<b>Q</b>	<i>Quant jugera son pueple</i>	<i>Quel loier et quelle merite</i>	<i>Quant pourpensé après me sui</i>	<i>Queen of comfort yit whan j me bithinke</i>
<b>R</b>	<i>Rois du ciel, que feront</i>	<i>Royne, Dame, flor de lis</i>	<i>Reprends moy, mere, et chastie</i>	<i>Redresse me mooder and me chastise</i>

	<b>Ferrant</b>	<b>Plantefolie</b>	<b>Guillaume de Deguileville</b>	<b>Geoffrey Chaucer</b>
<b>S</b>	<i>Sote gent mal senee</i>	<i>Se j'ai ton chier fill corroucié</i>	<i>Sans toy nul bien ne foysonne</i>	<i>Soth is b(th)at gi ne grante(th) no pitee</i>
<b>T</b>	<i>Tant Maufez nous amort</i>	<i>Tu es roÿne et prieosse</i>	<i>Temple saint où Dieu habite</i>	<i>Temple deuout b(th)er god hath his woninge</i>
<b>V</b>	<i>Vous, Dame de toz angles</i>	<i>Vous etes la mere qui avez</i>	<i>Vierge de noble et haut atour</i>	<i>Virgine b(th)at art so noble of apparaile</i>
<b>X</b>	<i>Xpïentez sanz doute</i>	<i>Xpïentez s'esbahist toute</i>	<i>X̄pc, ton filz, qui descendi</i>	<i>X̄pe bt(h)i sone b(th)at in b(th)is world alighte</i>
<b>Y</b>	<i>Yimages contre fetes</i>	<i>Ysayes prophetisa</i>	<i>Ysaac le prefigura</i>	<i>Ysaac was figure of his deth certeyn</i>
<b>Z</b>	<i>Et veuil encore dire<sup>19</sup> (GROS, 1993, p. 20)</i>	<i>Zoroas sot d'astronomie</i>	<i>Zacharie de mon somme</i>	<i>Zacharie yow clepeth b(th)e opene welle</i>
<b>7</b>	<i>Et en l'oneur de Cele</i>	<i>Et por ce que tant en ia</i>	<i>Ethiques s'avoie leü</i>	
<b>9</b>	<i>Com titre nous parole</i>	<i>Comment que j'aie en ma jouvente</i>	<i>Contre moy, dont, que ne prie</i>	
.		<i>Point fut ton cuer amerement</i>		
~		<i>Titre, por ce que tel son a</i>		
	25 estrofes	27 estrofes	25 estrofes	23 estrofes

Fonte: Adaptado de Gros (1993) com dados da presente pesquisa.

Nota-se que os atributos da Virgem Maria, como compaixão, virgindade, maternidade, concepção, mediação e realeza listados são desenvolvidos a partir das primeiras linhas dos poemas. Como as contas de um rosário que lembram aos fiéis o progresso de sua oração, as cartas são associadas, uma após a outra, a imagens para que o homem piedoso mergulhe na meditação coletiva e individual. A circularidade do alfabeto sugere o aspecto de completude que sempre será preservado no ABC poético mariano. Por fim, trata-se de um mundo poético engenhosamente explorado por imagens luminosas e múltiplas, por uma riqueza sonora e semântica apresentada a cada nova estrofe e anunciada pelas letras do alfabeto. Gérard Gros (1999, p. 14) assinala com razão que:

A Virgem é por vezes restaurada pela beleza dos hinos e das denominações herdadas dos textos sagrados: no fundo, é uma forma de espiritualidade sublime que procuramos cantando a feminilidade. Quanto à poesia de louvor,

<sup>19</sup> O algarismo 7 (leia-se: Z) = Et / e o algarismo 9 (leia-se: 9) = Com(ment) / Cum /; a pontuação . = Ponto / Punctus / e a pontuação ~ = Título / Titulum.

formal mas não cantada, também explora os caminhos da Mariologia, para multiplicar indefinidamente os símbolos de Nossa Senhora, observando o mundo inteiro dedicado a ela.

No século XVI, o franciscano português Frei Paulino de la Estrella (1935, p. 153) compôs o *Abecedario en loor de la Virgen Nuestra Señora*. Neste ABC poético, o fiel evoca a grandeza da Virgem Maria para se aproximar mais intimamente e receber a sua proteção. As 25 estrofes, incluindo duas estrofes preambulatórias e três estrofes conclusivas compõem este ABC poético. A fim de enumerar as graças da *Sagrada Madre de Dios*, as cartas tomam a palavra.

La **P.** dice que eres alma  
Pura más que las estrellas,  
Puerto que es de Dios descanso,  
Primor de naturaleza.

La **Q.** te llama quilate  
Del oro de la inocencia,  
Quinta esencia de virtudes,  
Quietud que a Dios le recrea.

La **R.** dice que eres rosa,  
Reina de cielos y tierra,  
Recogimiento de Dios,  
Resplandor de su potencia.

La **S.** dice que eres santa,  
Sol singular em belleza,  
Sol que a Dios regala el gusto,  
Salud de vidas enfermas.

Enfim, é Maria, a Virgem Maria, Nossa Senhora, a mãe de Jesus, a mãe de Deus e de todos os homens que é cantada, evocada e representada pelos poetas nestas “pérolas alfabéticas das graças”. Mas, ao reconhecê-la, sentir-se tranquilizado, pedir-lhe intercessão até o momento de sua morte, os fiéis a reconhecem, mas seriam incapazes de dar um retrato um tanto realista da mulher Maria.

No Brasil, a tradição mariana do ABC poético é preservada e se expressa intensamente dentro das comunidades. O poema *O A.B.C. das Virtudes de Nossa Senhora* coletado no Brasil no Nordeste e publicado no *Cancioneiro da Paraíba* (SANTOS; BATISTA, 1993, p. 278-279) é uma evocação muito bela à Virgem. Um poema fúnebre, uma oração tradicional cantada em funerais, este ABC poético é uma *Incelência* pela qual os fiéis pedem à sua Mãe para

acompanhá-los ao outro mundo. O estudo reuniu três versões: a primeira é recolhida a partir da tradição oral, a segunda está incluída na peça de Luiz Marinho (MARINHO, 1968, p. 161-164) publicada em 1968 e, finalmente, uma terceira versão foi musicada por António Nóbrega em 2002 e gravada no seu CD *Lunário Perpétuo*. Chama-se *Incelência* e é uma simples oração alfabética. Não é mais a “construção quadrada” de poemas em latim onde cada letra corresponde a uma letra do alfabeto, nem o desenvolvimento estrófico revelando muitas imagens: são letras que falam oferecendo ao ouvinte o efeito de uma concentração semântica. Aqui, a metáfora do rosário se cumpre, tanto em seu aspecto visual quanto em seu aspecto auditivo. Aqui, a versão cantada por António Nóbrega.

Diz o **A**... Ave Maria  
 Diz o **B**... Bondosa e Bela  
 Diz o **C**... Cofrim da Graça  
 Diz o **D**... Divina Estrela

Diz o **E**... Esperança Nossa  
 Diz o **F**... Fonte de Amor  
 Diz o **G**... Gênio do Povo  
 Diz o **H**... Honesta Flor

Diz o **I**... Incenso d’Alma  
 Diz o **J**... Jóia Mimosa  
 Diz o **K**... Coro dos Anjos  
 Diz o **L**... Luz Formosa  
 Diz o **M**... Mãe dos Mortais  
 Diz o **N**... Nuvem de Brilho  
 Diz o **O**... Oraí por nós  
 Diz o **P**... Por vossos Filhos [...].

Para concluir, entendemos que, no contexto religioso, o alfabeto, por causa de sua circularidade, é investido de um efeito de completude respondendo plenamente às necessidades dos fiéis de colocar em palavras na forma de oração ou na forma de uma evocação os atributos de deuses, santos e da Virgem Maria. Uma após a outra, as letras tomam a palavra e geram esse “ditado”, às vezes indescritível para os fiéis. Assim, o ABC poético, “de alfa a ômega” ou de “A a Z”, produz a Palavra Criadora.

## REFERÊNCIAS

COHEN, J. *L’écriture hébraïque: son origine, son évolution et ses secrets*. Lyon: Edition du Cosmogone, 1997.

DAVID, A. *Acts of interpretation: literature in honor of E. Talbot Donaldson*. Oklahoma, Pilgrim Books, 1982.

DIEHL, P. S. *The medieval European religious lyric: an ars poetica*. Berkeley, London: University of California Press, 1985.

ESTRELLA, P. de la. *Flores del Deserto*. 1953.

FURNIVAL, F. J. (éd.). *A one-text print of Chaucer's minor poems being the best text on each poem in the parallel-text edition, etc. for handy use by editors and readers*. London: Chaucer Society, 1871.

GROS, G. *Imagines Mariae: représentations du personnage de la Vierge dans la poésie, le théâtre et l'éloquence entre XII<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècle*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1999.

GROS, G. *Le poète marial et l'art graphique: études sur les jeux de lettres dans les poèmes pieux du Moyen Age*. Caen: Paradigme, 1993.

IOGNA-PRAT, D.; PALAZO, E.; RUSSO, D. *Marie: le culte de la Vierge dans la société médiévale*. Auxerre: Beauchesne, 1996.

JOYCE, L. *From the French of Guillaume de Deguileville: initial letters, designers and illuminated*. Paris: The Obelisk Press, 1936.

MARINHO, L. *A Incelênça*. Recife: EdUFPE, 1968.

MAURIN, C. A. (Abbé). *Les chants marials: poèmes mystiques allemands du XII<sup>e</sup> siècle*. Montpellier, 1927.

MERIL, E. *Poésies populaires antérieures au XII<sup>e</sup>s*. Paris: Brockhaus et Avenarius, 1843.

OMONT, H. *Fabliaux, dits et contes en vers français du XIII<sup>e</sup> siècle fac-similé du Manuscrit français 837 de la Bibliothèque Nationale*. Genève: Slatkine Reprints, 1973.

PROTOPADAKIS-PAPACONSTANTINO, H. *O' Akathistos 'umnos: prototupo keimeno: neollenike metafrase (anglais, français et italien)*. Athènes, 1988.

SANTOS, I. M. F.; BATISTA, M. F. B. M. *Cancioneiro da Paraíba*. João Pessoa: GRAFSET, 1993.

SOLL, W. Psalm 119: matrix, form, and setting. *The Catholic Biblical Quarterly Monograph Series*, Washington, DC, n. 23, 1991.

SZÖVÉRFY, J. *Latin hymns*. Brussels: Brepols, 1999.

ZINK, M. *Le Moyen Age à la lettre: un abécédaire médiéval*. Paris: Tallandier, 2004.